

## Entrevista com o Prof. Joaquim Beato<sup>1</sup>

**Vidal:** Em que contexto ocorreu o seu encontro com Rubem Alves?

**Beato:** O meu encontro com Rubem Alves aconteceu dentro do âmbito de nossa participação comum naquele tempo na Igreja Presbiteriana do Brasil. Nós nos encontramos quando ele era estudante de teologia e fazia parte de um grupo que inclusive lutou para que eu fosse lecionar Antigo Testamento no Seminário em que ele estava estudando. Depois nos encontramos no Congresso da Mocidade, ele já pastor, porém eu estava também no início da carreira, um pouco mais adiante em relação a ele. Foi em meados da década de 50, quando eu tinha chegado da Escócia e fui a Campinas para algumas palestras sobre os profetas.

**Vidal:** O que lhe chamou a atenção em relação ao Rubem Alves?

**Beato:** O que me chamou a atenção era a sua capacidade intelectual. Eu diria que a sua capacidade de ter uma visão crítica, mas não amarga das coisas. Ele tinha uma visão muito crítica, mas não era amarga. Uma coisa nele é que ele nunca se tornou um militante político. Entretanto o seu pensamento é radicalmente político. Um pensamento que pergunta sempre pelos fins, e um pensamento que faz uma análise na linha filosófica como teológica de aliança com o oprimido. Sempre me pareceu isto. Por outro lado, o Rubem era um excelente pianista. Digamos, sabia gozar a vida. E neste tempo que ele era seminarista ao lado oposto do seminário

---

<sup>1</sup> Joaquim Beato foi professor da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Secretário de Estado do ES e Senador da República. É também pastor da Igreja Presbiteriana Unida (IPU), Vitória – ES. Esta entrevista, realizada pelo Prof. Antônio N. Vidal com o professor Joaquim Beato em abril de 2000.

morava uma amiga da Tônia Carrero. Tônia sempre ia na casa da amiga descansar... o Rubem era sempre convidado para papear com a Tônia... ele era naquela época um dos poucos privilegiados para este tipo de encontro, isto enchia os colegas de uma certa inveja, porque era um privilégio. Era um pianista de mão cheia e sabia muito bem conversar. Ele era inteligente e naturalmente sabia conversar e provocar o interlocutor.

**Vidal:** Professor Beato, qual a importância do Rubem Alves no contexto latino-americano? Qual a pertinência da reflexão alvesiana?

**Beato:** Eu acho que a gente pode considerar o pensamento de Rubem Alves como um dos precursores do que será conhecido mais tarde como Teologia da Libertação. O pensamento dele inclusive compreendia a obra que foi sua tese de doutorado: “Uma teologia da Esperança humana”. Era naquele tempo uma tentativa de assumir, digamos, a teologia do ponto de vista do que a gente poderia chamar o não-homem latino-americano. Era um pensamento conscientemente contextualizado por uma escolha que iria marcar profundamente a orientação teológica inclusive da Igreja Católica romana. Uma teologia que deve ter nascido com o Rubem estudante com a perspectiva da teologia do Richard Shaull<sup>2</sup>, que fazia teologia da revolução. Shaull tinha passado por uma experiência muito interessante como missionário na Colômbia, e defendia uma espécie de nova visão do compromisso da igreja cristã, de participação, uma tentativa de ajustar na linha do pensamento de busca da justiça, igualdade. Shaull achava que na América Latina o lugar da igreja era na esquerda, que era nesta época o pensamento revolucionário. Então, eu tenho uma impressão bastante segura de que a passagem do Shaull deixou esta boa herança para Rubem Alves. Eu não sei se não houvesse ocorrido esta presença de Shaull, Rubem teria levado a sério esta reflexão teológica, que era praticamente vazia de produtores teológicos da igreja protestante na América Latina.

Havia também o impacto do Conselho Mundial de Igrejas<sup>3</sup> que foi rechaçado formalmente pelas lideranças institucionais das igrejas, porque

<sup>2</sup> Richard Shaull, teólogo norte-americano, que atuou no Brasil entre 1952 e 1962.

<sup>3</sup> O Conselho Mundial de Igrejas (CMI), com sede em Genebra, Suíça, foi organizado em 1948: <https://www.oikoumene.org/en/>

veio antes um McIntire (Carl McIntire) trazer uma pregação essencialmente fundamentalista. McIntire era um americano dissidente de uma igreja que formou uma igreja pequena e depois formou um movimento chamado Concílio Internacional de Igrejas Cristãs (CIIC), que era contraponto do Conselho Mundial de Igrejas. Mas ele tinha uns 100 mil seguidores e o Conselho Mundial tinha mais de 100 denominações cristãs lá pelo final da década de 40. Então houve este grupo, o Shaull era participante deste movimento e depois ele chegou aos seminários e produziu um impacto em vários jovens que depois de envolveram na Associação Cristã de Acadêmicos (ACA). Rubem Alves tomara partido da teologia de Shaull com mais profundidade a partir do seu universo mais amplo de diálogo com filósofos, poetas e escritores de toda parte. Coisa que eu não via em Shaull, cuja visão era muito linear. O Rubem tinha uma amplitude maior.

Havia neste contexto o ISER<sup>4</sup>, que fazia um papel de encruzilhada entre a academia e a militância. A visão que eu tinha daquele tempo é que a preocupação de Shaull era de mobilizar a militância. O pensamento do Rubem era muito mais assentado neste sentido, ele tinha uma fundamentação bem mais ampla, uma mística muito profunda dialogando com Nietzsche, Kierkegaard... mas a impressão que dava era que o pensamento dele era mais autônomo neste sentido, não há uma repetição em relação a Shaull que era um pensamento marcadamente político na linha de Berdiaeff.

**Vidal:** E você sempre esteve identificado com ele... Houve divergência em termos de pensamento...

**Beato:** Eu era no máximo um discípulo... eu fui mais envolvido em pastoral de zona rural, estava mais voltado para a pastoral bíblica no início. Mas na linha da reflexão deles, digamos, igreja, mundo e cultura contemporânea, nós fomos iluminados. A gente sempre teve no Rubem um tipo de líder que dizia as coisas que a gente sentia, mas que não sabia dizer.

**Vidal:** Como era a relação deste pensamento progressista com a própria igreja?

---

<sup>4</sup> ISER – Instituto de Estudos da Religião: [www.iser.org.br](http://www.iser.org.br)

**Beato:** Havia conflitos, as lideranças institucionais sempre optaram por um pensamento conservador e poderíamos dizer fundamentalista em teologia. E este grupo que depois conseguiu chegar ao seminário como professores como João Dias, Mauro... eu cheguei e alguns outros chegaram... este grupo era sempre visto como um grupo ameaçador. Nós chegamos a ser excluídos da igreja mãe, com base no fato de que éramos modernistas, comunistas. Nós éramos então uma ameaça à sobrevivência da igreja... do ponto de vista da sociologia da cultura, nós éramos reprodutores também do pensamento dos centros hegemônicos europeus e americanos. Nós não tínhamos como produzir a não ser homens do nível de Rubem Alves. Então nós éramos reprodutores, só que eles também eram reprodutores, só que nós éramos reprodutores de lá de épocas bem diferentes. Eles eram reprodutores do pensamento que reagiu ao evangelho social no começo do século, e nós éramos reprodutores de um pensamento que havia deixado muito atrás este tipo de polêmica, então a gente estava em confronto, mas ele tinha a hegemonia do poder institucional.

**Vidal:** O que significou para vocês que estavam num mesmo barco a carta de Rubem renunciando a igreja?

**Beato:** A carta do Rubem era a nossa carta. Nós contamos com aquela carta, porque nós ficamos 20 anos sob perseguição, então ele saiu quando nós saímos também. Ele que formulou as razões porque nós saímos. Eu não seria capaz de colocar nos termos que ele colocou, estávamos identificados... mas uma vez foi ele que liderou, ele soube explicitar o sentimento implícito do grupo que estava sendo perseguido pelas lideranças institucionais da igreja.

**Vidal:** Aí vocês saíram?

**Beato:** Foi mais ou menos concomitante com a história da origem do que a gente chamou de FENIP (Federação Nacional de Igrejas Presbiterianas), um grupo que saiu da Igreja Presbiteriana do Brasil (IPB) e se reuniu para não perdermos o caráter de igreja e de presbiterianismo, aliás não saímos, fomos postos para fora.

**Vidal:** É daí que surge a Igreja Presbiteriana Unida?

**Beato:** Veio depois quando uma parte do pessoal do Estado do Rio de Janeiro também resolveu sair da IPB e propôs a nós não mais uma Federação

de igrejas, que não era muito próprio, e surgiu então o nome de Igreja Presbiteriana Unida. Quando a gente organizou a FENIP, se a memória não me engana quem pregou aqui foi o reverendo Julio de Andrade Ferreira, que era um mestre do Seminário, também do tempo que Rubem Alves era aluno e foi professor de alguns de nós no Seminário. E quando se organizou a Igreja Presbiteriana Unida do Brasil o pregador foi o Rubem Alves. Ele pregou aqui na Rua Sete de Setembro.

**Vidal:** E como foi toda a movimentação em nível do Estado do Espírito Santo?

**Beato:** Em nível do Espírito Santo a questão não teve a dimensão teológica e ideológica que teve em nível nacional. Aqui foi mais uma espécie de manipulação a partir do centro, em que as questões pessoais e internas das comunidades começaram a ser pretexto para a separação. Houve então um grupo que saiu da primeira Igreja Presbiteriana, na Rua Sete de Setembro, e fundou a da Beira Mar. Em Linhares um grupo tomou a igreja que passou para a Igreja Presbiteriana do Brasil, em Colatina houve uma divisão, em São Gabriel da Palha tinha duas igrejas, uma, a maior, ficou com a Igreja Presbiteriana Unida. Então houve esta divisão local e as lideranças que estão conosco hoje não tinham consciência dos problemas reais, eram questões muito locais, e eram usadas pelas lideranças institucionais nacionais para pescar em águas turvas, como chamávamos. E com isso, as duas igrejas ficaram... a Igreja Presbiteriana do Brasil (IPB) desenvolveu muito, nosso grupo não desenvolveu tanto. Havia evidentemente uma distância maior... nós tínhamos um pensamento teológico um pouco difícil de passar para o nível de pessoas que participavam de nossas comunidades constituídas de trabalhadores, funcionários públicos. Mas as coisas aqui não ocorreram tanto em nível teológico, mas muito mais afetivo.

**Vidal:** Quais foram as grandes lideranças do movimento aqui no Estado?

**Beato:** Os que ficaram juntos no grupo durante esses anos todos, nós podemos lembrar, os já falecidos Alonso Paes (Colatina), na grande Vitória Cleves Emerick dos Santos, Seta Siqueira, que era engenheiro e teólogo, Claude Labrunie... Este grupo esteve muito unido desde o começo da perseguição. Antes da divisão e depois da divisão. Nós chegamos a um

momento tal na igreja nacional (IPB) naquele tempo também, já que a Igreja Católica estava em oposição e o grupo sonhava em ocupar o lugar que a Igreja Católica ocupava na imaginação religiosa do sistema e se ofereceu para denunciar qualquer missionário que no Brasil se metesse em política. E denunciavam vários pastores como sendo comunistas, estes tiveram que fugir, jovens tiveram que sair do país. Um desses líderes chegou a me dizer que não se podia usar a constituição da igreja para proteger os inimigos da igreja. A confusão entre o grupo que comanda hoje que transitório e a igreja que é permanente. Você é de oposição ao grupo que está no poder, não é de oposição à igreja, mas ele achava que os oponentes eram inimigos da igreja e que ficam fora da proteção da própria constituição da igreja. Era uma visão muito ditatorial, porque como os presidentes nomeados pelos militares, naquele período, como todo governo fez, tudo o que era oposição era inimigo do país: Brasil ame-o ou deixe-o. Isto dentro de uma igreja cristã era uma coisa impensável. A luta era muito mais profunda e mortal do que a gente poderia julgar, não era, portanto, só a posição de discurso teológico, havia uma luta dentro do poder.

**Vidal:** Onde a Igreja Presbiteriana Unida é mais presente no Brasil?

**Beato:** Mais no Espírito Santo.

**Vidal:** E por qual razão?

**Beato:** É que aqui houve uma resposta maior das igrejas locais em aceitar e acompanhar as lideranças banidas. Nós temos em nossa região dois Presbitérios. No Sudeste temos São Paulo e Rio de Janeiro, no Nordeste a Bahia e, no Norte, na região da Amazônia. Temos também na região de Brasília.

**Vidal:** O fato de Rubem Alves ter participado de todo esse processo e depois não ter ficado junto à Igreja Presbiteriana Unida, como isto foi visto por vocês? Houve algum tipo de frustração de expectativas?

**Beato:** Para mim tem algumas possibilidades. Primeiro a igreja não mudou e o Rubem mudou. Isso é coisa evidente. Ele mudou a questão do modo como ele encara a teologia. Ele mudou possivelmente a forma como encara o pastorado, o significado de ser pastor de uma igreja local,

ele mudou quando se tornou psicanalista. O Rubem não para e a instituição não é tão flexível assim. Então a igreja não mudou, possivelmente não respondeu aos anseios dele.

Por outro lado, a nossa relação com o Rubem nunca foi propriamente denominacional, foi uma coisa acima disso. O pensamento dele é importante para o protestantismo, para a América Latina, para o cristianismo na América Latina. Então ele, quer queira ou não, é um pensador cristão. Outra questão é este reconhecimento que nós temos de que embora institucionalmente desligado, os nossos vínculos continuam, no sentido de que ele ainda alimenta o nosso projeto. Então não causou este impacto negativo, nem na parte mais jovem... ele também foi muito discreto. A gente faz questão de estar vinculado espiritualmente a ele. Ele continua escrevendo para KOINONIA<sup>5</sup>, continua com agente no ISER, no CEBEP<sup>6</sup>.

**Vidal:** Como você vê as críticas que se faz de que o Rubem é muito teórico?

**Beato:** Eu acho que nessa altura de minha própria caminhada a pessoa fazer esta separação entre a militância do panfleto e o trabalho intelectual é um pouco falso. É preciso um pensamento como o dele para estimular a militância. Mas se ele fosse para a rua faria um trabalho de menos representatividade e eficácia do que se ele senta no escritório para estimular a militância. Mas na verdade o pensamento teórico é necessário, mesmo o militante de vez em quando deve sentar e refletir, nesta hora ele precisa dos parâmetros do pensado. A revolução foi feita por trabalhadores e intelectuais.

O pensamento do Rubem eu acompanhei mais quando ele seguia uma linha teológica, agora o pensamento dele atual eu não me aventuraria, a não ser que acho que é um pensamento formulado muito mais poeticamente do que filosófica e teologicamente. Mas se este é o melhor a que ele chegou em sua caminhada como intelectual que seja isto, esta contribuição.

**Vidal:** Qual é a relação do Rubem Alves com o Espírito Santo?

**Beato:** Com o nosso grupo ele sempre esteve próximo e identificado. Lembro-me de uma pregação fundamental feita por ele na fase que passávamos de constituição da IPU, ele já estava nesta linha de estilo

<sup>5</sup> KOINONIA Presença Ecumênica e Serviço: [www.koinonia.org.br](http://www.koinonia.org.br)

<sup>6</sup> CEBEP – Centro Evangélico Brasileiro Estudos Pastorais.

poética. Certa vez, o convidamos, porque havia um projeto “Teologia para o Desenvolvimento” que veio de 83 até o fim da década de 90. Estávamos naquele momento pensando em termos de teologia e economia, estávamos começando a fazer crítica ao discurso econômico, como se fosse um discurso teológico ou ideológico. A gente convidou insistentemente o Rubem e ele não veio. Acho que foi uma mensagem dele muito interessante porque ele não entrou nesta linha de reflexão. O nome mais importante deste grupo Hinkelammert, na América Central, tem obras importantes, como “As Armas Ideológicas da Morte”. Aqui nós temos um coreano, Jung Mo Sung, que tem refletido sobre esta questão. Mas o Rubem não entrou nesta, de certo modo uma maneira de estabelecer os limites de nossa relação. Nós caminhamos num sentido de que a gente pensava num desenvolvimento preocupado com a justiça, distribuição de riqueza, a gente queria desmascarar o pensamento econômico que no Brasil sempre teve esta idéia de que seria um pensamento a-ético, e este trabalho ele não aceitou fazer. Mas o fato da gente tê-lo convidado mostra quão próxima é a nossa relação com ele. Quando pensávamos em fazer uma reflexão crítica e profunda sempre pensávamos no Rubem. Era ele que dizia: não, neste campo eu não vou. A imagem que temos dele é que é o homem capaz de responder estas demandas.

**Vidal:** Alguma coisa mais o chamou a atenção neste comportamento do Rubem?

**Beato:** Uma coisa que eu gostaria de lembrar, que sempre foi muito tocante, foi o apego dele à Raquel. Deve ter afetado muito a vida pessoal dele. Acho que ele se tornou um pensador encarnado, tenho a impressão que foi também por causa da Raquel. E uma coisa que ele sempre diz que não sei se é para a gente dizer, mas como você está pegando todos os dados da vida dele, é a questão da morte. Para ele é um problema seríssimo. E o fato de ser fácil conviver com ele. Acho que um intelectual do nível dele que saiba conviver é raro você encontrar, no sentido mesmo da palavra, viver com as pessoas. Ele sempre deixou a gente muito à vontade ao lado dele. Nunca se viu como *padrão* para mostrar a ignorância da gente. É sempre um amigo estimulante.

**Vidal:** Quem é o professor Beato? O que fez?

**Beato:** Eu sempre fui pastor. Nasci em Alegre – ES, fui criado em Guaçuí – ES, e fui o primeiro evangélico da minha família. Depois de fazer os preparatórios, fui para o Seminário de Campinas. Eu me formei em 1948, bacharel em teologia, e vim para trabalhar na pastoral no sul do Espírito Santo. Trabalhei um ano lá e, no ano seguinte, em 1950, vim trabalhar no norte do Espírito Santo, de onde não saí mais, a não ser durante 3 anos, em que o Seminário Centenário esteve em Presidente Soares – MG. De lá, quando veio para cá, eu vim com o Seminário. Quando o Seminário foi organizado em 1959, eu fui o primeiro professor convidado, eu já tinha feito um ano de especialização, de pós-graduação em Teologia do Antigo Testamento na Universidade de Edimburgo. Voltei para Colatina, fiquei ali dois anos e fui chamado para o Seminário. Fiquei no Seminário até o fim praticamente. Fui nomeado reitor do Seminário, fui reitor de 59 a 67. Do Seminário fui para Oxford, onde fiquei três anos pesquisando apocalíptica. Nesta pesquisa descobri que não é possível fazer uma exegese desvinculada do conhecimento do quadro social que produziu aquele conhecimento. Hoje temos certeza que o pensado é o vivido. Percebi que uma faculdade de teologia deveria também ter o seu lado de ciências sociais. E vim com esta ideia, mas quando retornei o Seminário já estava fechado, e fui trabalhar de novo na pastoral. Até que dois anos depois, em 1972, fui trabalhar na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), quando se instituiu os cursos básicos. Lecionei filosofia e sociologia durante 20 anos. Foi neste período que tive a oportunidade de estudar em Campinas, pós-graduação em Antropologia Social, me preparando para fazer doutorado em sociologia na Universidade de São Paulo. Fiquei um ano em Campinas, 3 anos em São Paulo, não terminei a tese. Voltei e fui chamado para a vida pública, fui Secretário de Estado do Bem Estar Social, Secretário de Estado da Educação, depois Secretário da Cultura e Esporte do Município, Secretário da Cidadania, tive uns quatro meses no Senado.

A minha formação básica é Bíblia, mas numa visão de que o pensamento bíblico não é um pensamento nascido nas alturas dos céus, mas nas lutas de cada dia. Tenho 51 anos de ordenação<sup>7</sup>, e sou presidente do Conselho Nacional de Igrejas Cristãs (CONIC), que é órgão ecumênico máximo aqui no país, ligado ao Conselho Mundial de Igrejas em Genebra.

---

<sup>7</sup> A entrevista ocorreu em abril de 2000.